

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA DE VICHY – A FRANÇA OCUPADA (1940-1944)
11 de Setembro de 2021

LE MARIAGE DE CHIFFON / 1942
(O Casamento de Chiffon)

Um filme de Claude Autant-Lara

Realização: Claude Autant-Lara / Argumento: Jean Aurenche e Maurice Blondeau, baseado no romance homónimo de Gyp / Direcção de Fotografia: Philippe Agostini e Jean Isnard / Direcção Artística: Jacques Krauss / Guarda-Roupa: Claude Autant-Lara / Música: Roger Desormière / Som: Robert Ivonnet / Montagem: Raymond Lamy / Interpretação: Odette Joyeux (Chiffon), André Luguet (Aubières), Jacques Dumesnil (Marc), Suzanne Dantès (Condessa de Bray), Louis Seigner (Philippe de Bray), Georges Vittray (van Doren), Monette Dinay (Alice de Liron), Bernard Blier (paquete do hotel), Marthe Mellot, Pierre Jourdan, etc.

Produção: Sirius – Pierre Guerlais / Produtor: Pierre Guerlais / Cópia: digital, preto e branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 103 minutos.

Claude Autant-Lara (1901-2000) foi uma das mais famigeradas personalidades do cinema francês do século XX. A uma escala exclusivamente cinematográfica, primeiro, por ter sido um dos alvos principais da geração da nouvelle vague, apontado como expoente da “qualité française” no célebre e seminal texto de François Truffaut *Une Certaine Tendance du Cinéma Français*, algo que, consta, Autant-Lara nunca perdoou, votando até ao fim da vida (que foi bastante comprida) um ódio figadal a todo aquele “bando” de críticos e cineastas. A uma escala mais abrangente, depois, porque Autant-Lara, já octogenário, foi eleito deputado ao Parlamento Europeu pela Frente Nacional da família Le Pen, onde se notabilizou por um ramalhete de declarações insultuosas de tonalidade anti-semita (para Simone Veil, famosamente) que chegaram à pura negação do Holocausto. Autant-Lara, que já fora acusado de ter sido informador do ocupante nazi durante o período a que este Ciclo se reporta, acabou por se ver forçado a demitir-se do seu lugar de deputado, e passou os últimos anos de vida no mais declarado opróbrio público (excepto, naturalmente, para os seus correligionários).

Mas antes de se tornar um “avatar” da “qualité française” e do reaccionarismo político, Autant-Lara foi um cineasta minimamente expedito, que nos seus inícios chegou a frequentar as avant-gardes (na sua primeira curta-metragem, **Faits Divers**, em 1923, colaborou com Antonin Artaud), que depois se especializou como figurinista (tendo, nessa condição, colaborado em filmes de Renoir, L'Herbier ou René Clair) e pouco depois tentou uma carreira em Hollywood, onde, nos primeiros anos do sonoro, dirigiu versões francesas de filmes de vedetas tão populares como Douglas Fairbanks ou Buster Keaton. De regresso a França, integrou-se pacificamente na indústria francesa, se bem que, ao longo dos anos 30, sem nenhum sucesso especial (há não muito tempo, nestas salas, vimos um desses primeiros filmes de Autant-Lara, **L’Affaire du Courrier de Lyon**). Foi justamente durante a Ocupação (honnei soit qui mal y pense) que a carreira de Autant-Lara começou a frutificar, com uma série de filmes (a começar por este **Mariage de Chiffon**) que rapidamente o guindaram ao topo da pirâmide da produção francesa da época. **Le Mariage de Chiffon** nem é necessariamente o melhor dos filmes de Autant-Lara feitos no período da sua obra que mais vale a pena conhecer (preferimos largamente, de entre os que conhecemos, **Douce**, do ano seguinte, 1943), mas é de facto a partir deste filme que a carreira de Autant-Lara ganha um embalo que lhe escapara até então, com o apoio do produtor Pierre Guerlais (e nota que vem a propósito num Ciclo com a

temática deste: Guerlais, depois da Libertação, seria acusado de colaboracionismo, e suicidou-se na prisão enquanto esperava o andamento do seu processo).

Convenhamos que, por muito sulfurosa que fosse a personalidade de Autant-Lara, fica um pouco longe de se poder equivaler a um Céline do cinema francês. **Le Mariage de Chiffon**, com argumento extraído a um romance porventura autobiográfico de Gyp (pseudónimo de uma condessa que entre os últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX se notabilizou como escritora popular mas está hoje, ao que parece, bastante esquecida), é um filme bastante cordato, a espaços mesmo bastante académico (a mise en scène, nalguns momentos, parece precursora da estética, ou da “estética”, do teleteatro que ainda estava por vir), que nem por lidar com matéria em certos aspectos relativamente transgressora (um comentário aos costumes e à moral aristocrática) se assemelha, por um segundo que seja, à verve provocadora de um Guitry, por exemplo.

O centro do filme, em todos os sentidos, é a arrebitada Chiffon, interpretada com uma graça supremamente inteligente (na sugestão da falsa “inocência” da personagem) por Odette Joyeux, que estaria nos três filmes seguintes de Autant-Lara. Mesmo se tudo se passa, visualmente, num grau de decoro que exclui sugestões mais subreptícias, o filme narra uma fábula sobre a auto-determinação feminina no contexto aristocrático: trata-se, para Chiffon, de escolher o homem com que se vai casar, e não que o escolham por ela. Se, pelo ambiente em que se movem as personagens, o filme faz uma pintura dos códigos da vida aristocrática, pelo dois candidatos ao coração de Chiffon estabelece as possíveis vias de saída para esses códigos. Sobretudo, a personagem de Marc, o aventureiro semi-arruinado, atraído pela vida mundana (as proezas como aviador), que incorpora uma certa decadência, ou dissolução, do próprio estatuto aristocrático (pensamos como três anos antes, na **Règle du Jeu**, Renoir se servira igualmente da personagem dum aviador para exprimir algo não muito longe disto), que se põe ao velho Aubières, militar da velha escola, sereno e resignado, perfeitamente à vontade naquele cenário aristocrático. De certa forma, a escolha de Chiffon (que também passa, com alguma suave perversidade, pela questão das idades das personagens: quer Marc quer Aubières são muito mais velhos do que ela, há sempre a sombra de uma relação quase paternal entre os homens e ela, vivida em certos momentos como uma manifestação à beira dum desejo de incesto) não é entre dois mundos, visto que todos habitam o mesmo, mas entre dois tempos: um duma “velha ordem” onde tudo é estável e previsível, e o duma “nova desordem” onde nada é garantido, nem o dinheiro nem (o perigo dos aviões) a certeza de se estar vivo no dia de amanhã. Nesta perspectiva, a maior sagacidade do filme de Autant-Lara será o facto de não descrever qualitativamente os dois “rivais”, não opor expressamente um ao outro; e assim, num país sob um regime reaccionaríssimo, **Le Mariage de Chiffon** era um filme que mostrava, quase subliminarmente, que nem a maior reacção pode impedir que certos aspectos da marcha do tempo sigam o seu caminho, e que uma sociedade pode ser estagnada à força mas não nunca fica congelada para a eternidade.

Luís Miguel Oliveira